

“Epidemia de Drogas”:

Uma análise do usuário como risco social no discurso de si¹

Luana Luciana Ribeiro de ALENCAR²

Kátia LERNER³

Wedencley Santana ALVES⁴

Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Fiocruz, Rio de Janeiro-RJ

RESUMO

Objetivamos discorrer acerca de como a chamada Epidemia de Drogas pela mídia tradicional reflete no discurso que o usuário de drogas tem de si, e como ele passa a ocupar uma posição-sujeito de autorisco e risco social. Para tanto, analisamos as três primeiras postagens de três blogs escritos por pessoas que fazem uso problemático de drogas, com aporte metodológico da Análise de Discurso Franco-brasileira, buscando indícios do discurso sobre risco na escrita sobre si desses usuários e como esse discurso se constitui.

PALAVRAS-CHAVE: epidemia; drogas; risco mídia; discurso.

Introdução

Em sua obra, Bourdieu (2011) sistematiza um importante conceito, a noção de *campo*. Ao defini-lo, o autor afirma que ele tem sua estrutura própria e, embora esteja submetido às leis sociais, estas não são as mesmas, pois cada campo dispõe de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (BOURDIEU, 2011, p. 20-21). O campo é o local de produção das relações grupais, coletivas ou unidades de sobrevivência do sujeito, nas quais se travam lutas pela manutenção ou subversão das hierarquias. Esta perspectiva conflitual é a base para que o autor proponha outra ideia importante, o conceito de *poder simbólico*, que é um poder de construção da realidade, “de fazer ver e fazer crer”, naturalizado por nós (BOURDIEU, 2011,). Bourdieu aponta que os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante, na medida em que também

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/FIOCRUZ - RJ, e-mail: alencarl@hotmai.com.

³ Doutora em Sociologia e Antropologia (UFRJ), docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/FIOCRUZ - RJ, email: katia.lerner@icict.fiocruz.br.

⁴ Doutor em Linguística (UNICAMP), docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, e-mail: wedenn@yahoo.com.br.

são estruturados, e essa estruturação é possível devido a um determinado consenso, hegemônico, de dominação. Tal proposta conceitual é de grande valia para se refletir sobre a temática de drogas. Fenômeno multidisciplinar, pode ser estudado por diferentes campos, que não são necessariamente excludentes, mas que se completam em seu modo de significar a questão do uso problemático de drogas. Neste trabalho, dois campos se inter-relacionam e são inseparáveis para investigação: o da Comunicação e o da Saúde.

Petracci (2012) discorre acerca dos campos Saúde e Comunicação e acredita que o entrecruzamento dessas estruturas dá origem a um terceiro campo: o da Comunicação e Saúde, que pode ser visualizado nas campanhas de saúde, por exemplo, onde há toda uma lógica e estrutura comunicacional com intuito da promoção da saúde. A saúde, especialmente em períodos de epidemia, vem pautando cada vez mais a agenda midiática, todavia é preciso compreender que muitas vezes esse terceiro campo (o da Comunicação e Saúde), apontado por Petracci (2012) entra em conflito, como a pesquisa de Araújo & Aguiar (2017) pondera. Os autores investigam a cobertura midiática sobre a epidemia de Zika vírus, em que a circulação discursiva muitas vezes não coincidia com a circulação viral, seja por motivos políticos ou interesses outros.

É pela ótica da Comunicação e Saúde que esse artigo foi construído. Esse texto é parte de uma pesquisa maior⁵ acerca do Discurso de Si de pessoas que fazem uso problemático de drogas, discursos esses encontrados em blogs pessoais⁶. Nosso objeto de investigação é a relação do discurso de si dos usuários dos blogs com o discurso de risco. Para esse objetivo, faremos uma breve discussão sobre o conceito de risco e como o usuário de droga se configurou como risco para a sociedade, através de narrativas construídas pela mídia e pelo Estado. Posteriormente, apresentaremos parte do material empírico da fala dos usuários de drogas em blogs pessoais, a fim de compararmos esses discursos, por meio do referencial teórico metodológico da Análise do Discurso Francesa.

“Epidemia de crack”: narrativas em circulação sobre medo e perigo

Trouxemos para essa discussão a mídia como um dos atores sociais na

⁵ Esse trabalho é parte da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), intitulada DOS EXCESSOS CONTEMPORÂNEOS: Os Discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais, sob orientação do professor Dr. Wedencley Alves Santana.

⁶ Optamos por preservar a identidade das pessoas que escreveram os blogs, por uma questão ética.

abordagem sobre as drogas. Trata-se de uma problemática em que vários atores sociais disputam a hegemonia dos discursos na arena pública, como veremos ao longo desse trabalho. Entre eles, a mídia – e em especial o jornalismo - assume um papel preponderante no estabelecimento dos temas da saúde como *questão social*, processo que adquiriu acentuada relevância a partir dos anos 1990, pela força que os meios massivos obtiveram no país ao longo do período de redemocratização e da disseminação de sua presença nos lares e no cotidiano dos brasileiros, já em curso desde as décadas anteriores mas com intensidade crescente. Sabe-se que boa parte da população procura se informar pela mídia e é inegável sua importância na educação e formação de opinião das pessoas. “Em uma sociedade marcada pela centralidade da mídia, os veículos de comunicação têm papel relevante na formação da opinião, e por isso, são atores que não podem ser excluídos das análises de políticas públicas” (RANGEL, LAMEGO, BROTAS, COSTA & BARBOSA, 2016, p.468)

Nessa nova configuração de sociedade de massas, esse cenário se tornou ainda mais agudizado com o surgimento da internet. Trata-se de um quadro bastante complexo e que deve ser examinado de forma cautelosa, pois embora 64,7 % dos brasileiros tenham acesso à internet, isso não significa que essas pessoas possuem o que chamamos de Competências Midiáticas, que é a capacidade de checar, elaborar e analisar as informações que chegam até elas, informações estas com um fluxo intenso e rápido. Em meio a isso, o jornalismo tem que lidar com as *Fake News*, muitas vezes produzidas por próprios jornalistas, propositalmente ou não.

Partindo do pensamento *foucaultiano* sobre relações de poder, sabe-se que a mídia tradicional é onde grande parte das pessoas vai se informar e ela constrói seu lugar simbólico a partir de valores como credibilidade e veracidade. Nesse sentido, é fundamental se indagar de que forma o jornalismo reflete em como essas pessoas enxergam a realidade do mundo e como se veem. A teoria de que o jornalismo é um espelho da realidade do mundo é tida como ultrapassada e outras teorias vieram a contrapô-la, todavia, o efeito de sentido de que o jornalismo ainda é um espelho da realidade do mundo ainda é sentido e vivido por muitos brasileiros, embora isso esteja mudando recentemente com as redes sociais.

Ao abordar a cobertura jornalística acerca das drogas, vale mencionar dados de pesquisa anteriormente realizada sobre o jornal *Folha de S. Paulo* (ALENCAR e GRASSANO, 2017). Tomando como marco os anos 1990, observamos que nesse

período o tema já estava presente, com o predomínio crescente na cobertura, em especial pela questão da cocaína. Marcada pelo estigma, ela era em geral associada a um sentido de classe, ou seja, como “droga de rico”. Seu uso em geral era atribuído a artistas e destacava-se a sua relação com a loucura. O Brasil assumia protagonismo como o “coração do negócio” (pelos laboratórios que transformavam a folha da coca em cocaína), entendido de modo pejorativo e também como parte de uma lógica capitalista.

Na década de 90, outras drogas mais baratas que a cocaína, como o crack, chegaram ao país e houve um aumento no número de notícias em que o lexema “cocaína” foi veiculado na *Folha de S.Paulo* em relação à década anterior. No entanto, nos anos 2000, provavelmente pelo aumento do consumo de crack, essas veiculações caíram e o crack emergiu na cobertura. Apesar dessa mudança, a significação das drogas continuou associada às noções de destruição e perigo, trazendo uma ideia de medo coletivo, como se observa por uma manchete como “Derivado de cocaína e mais letal que o crack, oxi destrói jovens e crianças no Acre”⁷. Apesar de ter sido a posteriori desmentida por peritos laboratoriais, esta afirmativa não teve uma retratação midiática, o que revela a preponderância dos sentidos estigmatizantes sobre o uso dessas substâncias.

Já nos anos 2000, as cenas de uso de crack eram popularmente conhecidas como *cracolândia* e o estigma ao usuário e à droga já havia se espalhado nas manchetes de jornal: “Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores”⁸, “Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP”⁹, *Jornal da Record* 18 de agosto de 2012; “Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga”¹⁰; “Epidemia do crack destrói famílias pelo país”¹¹. Diferentemente da cocaína, que discursivamente viria a destruir família, a narrativa sobre o crack é embasada no usuário como um perigo e uma sujeira social.

Ao falarmos de Epidemias de Drogas, estamos utilizando um léxico de

⁷ JORNAL OGLOBO: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/derivado-de-cocaina-mais-letal-que-crack-oxi-destroi-jovens-criancas-no-acre-2795077>

⁸ JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores. 24 de setembro de 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/887504/>

⁹ JORNAL DA RECORD. Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP. 18 de agosto de 2012. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/epidemia-do-crack-faz-crescer-numero-de-bebes-abandonados-em-sp-06102018>

¹⁰ JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga. 22 de setembro de 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/886264/>

¹¹ RECORD TV. Epidemia do crack destrói famílias pelo país. 15 de setembro de 2018. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/epidemia-do-crack-destroi-familias-pelo-pais-15092018>

origem do campo da saúde, que neste contexto adquire um significado que sofreu deslocamentos de sentido desde sua descrição original. Pautados pela Análise de Discurso, metodologia adotada nesse artigo, pudemos verificar que o léxico *epidemia* é ressignificado ao falar-se de epidemia de drogas. Essa epidemia não é a de uma doença que contagia, no entanto, ao ser usada, mesmo que não no intento de falar-se de contágio, é inevitável o efeito-sentido do medo e do risco do “contaminar-se”.

Assim, em meados do século XX, a epideomilogia dos modos de transmissão começa a dar lugar à epideomiologia dos fatores de risco. Já não cabia mais pensar em agente causal, mas numa “rede de causação”, uma imbricada trama de fatores de risco cuja interação explicaria os padrões das doenças não transmissíveis (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015, p.39).

Assim como o jornalismo, as campanhas de prevenção se constituem um importante espaço de produção simbólica sobre as drogas. Nos anos 90, a grande abordagem era sobre a cocaína, pois o crack ainda não era tão usado. Em convergência com a narrativa midiática, era demonizada; as campanhas, mesmo que não citassem a palavra epidemia, faziam a correlação entre uso de drogas-morte-terror. Abaixo trazemos o exemplo de uma campanha que iniciou-se na década de 90, intitulada “DROGAS, NEM MORTO”.

Quando a gente estiver bem íntimo, eu prometo a você uma parada cardíaca (imagem de um coração batendo acelerado), uma parada respiratória, ou um colapso no sistema nervoso central. Sim, meu bem, você vai ver aonde dá meter o narizinho onde não é chamado.¹²

Como problema visto pela sociedade, polícia, Estado e mídia, o crack é mais vigente nas cenas midiáticas próximo aos anos 2000. Essa visão estigmatizada se desdobra na ação do Estado. Um exemplo recente foi a tentativa de segregar e higienizar os usuários no episódio de invasão da conhecida popularmente como “cracolândia”¹³, em maio de 2017, na cidade de São Paulo. Os policiais soltaram bombas, agrediram moradores e trocaram tiros com algumas pessoas que eram ligadas ao tráfico. Chegou-se, junto ao governo do Estado, a debater sobre internação compulsória para usuários de crack, o que foi um tema polêmico entre especialistas que

¹² CAMPANHA “DROGAS NEM MORTO”: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8JEIXO5c4o>

¹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886022-policia-faz-megaoperacao-de-combate-ao-trafico-na-cracolandia.shtml>

estudam o assunto.

Outro exemplo da força dessa associação entre as ideias de morte, gravidade e estigma na sociedade pode ser observado através da polêmica que ocorreu relacionada ao campo da ciência. Após uma onda de divulgação do chavão “epidemia do crack”, em 2014, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde lançou os resultados da Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack (BASTOS, 2014). Entre seus objetivos, estava traçar o perfil dos usuários de crack nas cenas de uso. Tem-se por cena de uso o “Ponto de encontro, em local público, para consumo de uma ou mais drogas. Esse seria o termo mais adequado para substituir expressões como “cracolândia”. A conclusão é que não havia, como os jornais difundiam, uma “epidemia do crack” e nem a droga era responsável pela destruição de famílias, mas o uso e o perfil dos usuários eram caracterizados por condições de vulnerabilidade física, social e econômica (BASTOS, 2014).

Como aponta Vaz e Cardoso (2014, p. 155) ao falar sobre as epidemias de dengue no Brasil, observa-se “uma relação conflituosa entre meios de comunicação e os especialistas na doença”. Assim, se tomarmos a suposta epidemia do crack e a narrativa midiática que se constrói em torno do uso problemático da droga, temos um embate entre os campos Comunicação e Saúde: não existe uma epidemia de crack, provada cientificamente, mesmo que a mídia não esteja em consonância com essa constatação. Na narrativa sobre o sofrimento dos usuários de crack, os jornais não os colocam como vítimas, mas sim como risco para sociedade. Podemos dizer que há um relato de um sofrimento do usuário, mas um sofrimento ameaçador, um sofrimento como risco ao outro.

Em 2019, o atual governo censurou a divulgação do III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas, onde ficou constatado que não há uma epidemia de crack no Brasil, dados esses descredibilizados e postos em dúvida pelo então Ministro da Cidadania, Osmar Terra. Em tempos onde o atual governo promove embates com diferentes campos da ciência e busca mobilizar a população ao colocar dados científicos em equivalências às *fake News*, a pesquisa proposta se justifica na medida em que precisamos ir na contra-mão dessa tentativa de desmonte da pesquisa brasileira e darmos respostas científicas, sérias e embasadas em dados. No país, crimes relacionados a drogas é a segunda causa de encarceramento da população, em sua maioria negros, pardos e de baixa renda.

Trazemos esses dados para mostrar que uma questão multidisciplinar como o uso de drogas ilícitas é palco de disputa de poder simbólico por diferentes campos e com interesses políticos diversos. O discurso científico tenta desconstruir, por meio de dados e de pesquisa, anos de naturalização do uso de drogas como uma questão moral, mas o debate permanece marcado pelas moralidades vigentes na sociedade.

Blogs: Identidades e Discurso de Si

Conforme buscamos demonstrar, o uso de drogas, problemático ou não, vem sendo objeto de disputas simbólicas. Esta discussão remonta a períodos ainda anteriores àqueles mencionados por essa pesquisa, e os usuários em especial estiveram no centro do debate. Se antes essas pessoas eram vistas como degeneradas e levadas aos sanatórios por uso de álcool e drogas, com a instituição da medicina como ciência no século XIX o usuário de drogas ainda é visto como inferior, porém em uma linguagem mais cientificista. Podemos ver claramente as mudanças na nomeção do usuário que passou por *pecador*, *degenerado*, *doente*, *bandido* ou mesmo *zumbi*. A própria colocação do uso problemático no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) marca o consumo de drogas como uma narrativa de doença. Para além disso, a mídia também reforça essa ideia de medo e perigo e se põe como mais um ator social que se dispõe a olhar o uso de drogas pelas lentes do estigma. Embora a problemática das drogas envolva diversas **dimensões**, cabe a nós frizar que o nosso objeto é discursivo.

No entanto, se já foi enfatizada a relevância de se compreender os sentidos circulantes sobre o uso de drogas em espaços como a mídia e as campanhas, evidenciando as moralidades envolvidas, aqui propomos deslocar este olhar para outra perspectiva importante: o modo como as pessoas que efetivamente fazem uso dessas substâncias se veem e narram a sua experiência, como se constroem discursivamente. Em que medida esses discursos circulantes estão presentes e são afirmados, ressignificados ou subvertidos por esses sujeitos? Para tal, objetivamos mapear quais são as posições-sujeito com as quais esses usuários se identificam ao falarem de si,

Não há forma de estar no discurso sem constituir-se uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia do dizer” (ORLANDI, 2011, p. 55)

Para tal investigar tal questão, o recorte foram blogs escritos por pessoas que se identificam e se autodenominam usuárias problemáticas de drogas. Buscamos blogs como espaço autobiográfico, blogs brasileiros e blogs escritos por pessoas que se admitem fazer uso problemático de drogas. Encontramos, dentro dos parâmetros estipulados, três blogs que foram objeto de nossa análise. O recorte temporal que usamos até chegar à saturação nas análises foi o seguinte: a partir das três primeiras postagens do mês em que o blog foi inaugurado, analisamos os três textos do ano e do mês subsequente ao que foi escrito pela primeira vez. Exemplo: se as três primeiras postagens do blog foram em setembro de 2011, analisamos as três primeiras postagens de outubro de 2012 e assim sucessivamente, até chegarmos a uma saturação de sentido^[K1].

Esse estudo não tem pretensão alguma de tomar esses discursos como representantes de todas as pessoas que fazem uso problemáticos de drogas. Logo, nossa pergunta é: Como os discursos de si são constituídos na ambiência midiática de blogs pessoais?

Ao trazer a ideia dos blogs como espaços de produção de si, cabe problematizar a noção de identidade^[K2]. Autores como Joel Birman (2016), Bauman (1998), Freud (2011), e outros inúmeros autores tentaram esboçar por meio de suas obras o fenômeno chamado “crise de identidade”. Para Análise de Discurso não existe identidade ou identidades, como vamos ver adiante, porém faz-se necessário pontuar o que mudou com a chamada identidade do indivíduo. Indubitavelmente o fluxo de informações da era digital trouxe novos direcionamentos e formas de significar acontecimentos da vida, o que os autores Castiel, Guilam & Ferreira (2015) chegam a chamar de “cultura da esquizofrenia”, denominada assim pela geração dos excessos que é fluida, líquida e onde o indivíduo tem dificuldades em ter limites ou algo/alguém a que se agarrar. Com o surgimento do discurso científico, não há mais um Pai do céu a se clamar, restando ficar com o mal-estar de uma orfandade em busca de um Pai substitutivo. Todavia, existe um gozo em romper com a lei, em ultrapassar os limites impostos socialmente e culturalmente.

Diante da Análise do Discurso não há uma identidade ou identidades múltiplas, mas sim identificações com discursos que estão constantemente em deslocamentos de sentidos. Em um mesmo discurso, um sujeito pode ser atravessado por no mínimo duas formações discursivas, a que ele afirma e a que é silenciada, que

denominamos contra-discurso. O que os autores chamam de Teorias da Identidade, para Análise do Discurso estaria mais próxima da perspectiva psicanalítica lacaniana do espelho, em que o Eu não é fixo, mas quando o sujeito se olha no espelho, no decorrer do tempo, ele apaga e redesenha sua imagem refletida.

Contrariando a Teoria Substitutiva de Aristóteles, Richards (1971) cria a Teoria Predicativa, cuja unidade semântica não é mais a palavra e sim o contexto, a frase ou a proposição. O autor nos aconselha a deixarmos de lado, por um momento, a idéia de que as palavras têm um sentido próprio e que o discurso seria apenas uma composição destes sentidos. Esta idéia é uma superstição, pois a maioria das palavras, quando passam de um contexto para outro, muda seu significado e de diversas formas. Para o autor, esta flutuação do sentido das palavras não apenas ocorre, como também é necessária para que o discurso comum não sofra de rigidez. (IMANISHI, 2008, p. 3)

O blog, que etimologicamente significa diário de bordo, surge com o objetivo de ser um instrumento em que um ou mais autores escrevessem sobre determinado assunto. O primeiro weblog de qual temos notícias é “What’s new in ’92”, criado em 1992 por Tim-Berners Lee, com notícias atualizadas sobre um projeto de pesquisa (CLEMENTE, 2005). A tecnologia do blog permite que as postagens sejam organizadas e agrupadas por ano, mês e dia e se torne um espaço de memória e arquivo digital.

Os autores que fazem as atualizações e postagens dos blogs são chamados de blogueiros, cuja nomenclatura mobiliza outros sentidos e cuja autoria cria espaço para uma disputa de poderes, seja nos comentários, seja no número de seguidores e acessos, ou ainda em quem vai se identificar ou não com aquele conteúdo. Como é falar de si para os outros?

É importante frisar que esse espaço em que o usuário de drogas pode falar de si foi possibilitado devido ao fenômeno contemporâneo que é um sintoma da geração digital é a midiatização, o ato de tornar público elementos da vida privada. Thompson (1997), ao discorrer sobre isso, enfatiza o desenvolvimento da Visibilidade, em que com a evolução dos meios técnicos e com a massificação das informações, a organização das Esferas Pública e Privada mudou e a linha entre as duas instâncias passou a ser muito tênue. O público interfere no privado e o privado no público e nesse processo a mídia tem uma relação central. É ela, muitas vezes, a fonte principal de informação da população e pela visibilidade do privado ser muito maior com o advento da televisão e

da internet, os escândalos passaram a ser mais visíveis e, dessa maneira, o cidadão pode cobrar seus direitos. Se por um lado a tecnologia permitiu que as pessoas se tornassem atores, no sentido de terem a oportunidade de transmitirem uma imagem e assim se autopromoverem, por outro lado qualquer erro pode ser disseminado em minutos, “queimando” sua imagem.

Quando falo de mim para mim gero o mesmo efeito de sentido que geraria na leitura de outra pessoa que leria o que escrevo sobre mim? O blog também é uma maneira de empreender a si. Aqui ressaltamos a característica do sujeito neoliberal, que é marcada pelo empreendimento e promoção de si. Muito embora os blogs pessoais falem de si, há uma diferença entre esses e os antigos diários escritos. Essa diferença se dá na função autor-leitor; se antes escrevia-se de si para si, agora, nos blogs, há um leitor que não é o próprio autor, o que configura uma escrita com uma censura maior e em uma identificação (ou não) do leitor com o conteúdo exposto, tendo em conta que “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (SILVA, 2000, p. 18). Posto isso, passemos às análises.

As narrativas de si ligadas ao uso de drogas: entre o autorisco e a superação

Pós-segunda guerra mundial passou-se a falar em bem-estar social que seria garantido pelo Estado (BAUMAN, 1998). Mais tarde o Estado trouxe à tona o conceito de prevenção e responsabilização do indivíduo sobre sua saúde, embora na constituição de 1988, na instituição do SUS, a redução de riscos apareça como função do Estado:

Seção II DA SAÚDE: Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação

A promoção do autocuidado serviria para prevenção de doenças e para que o Estado economizasse com possíveis casos de doenças a serem evitadas. **Convivem, aqui, duas concepções distintas e por vezes conflitivas, uma mais individualizante, outra focada no papel do Estado.** O sujeito sendo responsável por sua própria saúde, prevenção e manutenção dela, a responsabilidade do Estado seria dividida com esse

indivíduo ou até atribuída totalmente a ele, embora prevenção e promoção da saúde sejam papéis do SUS.

Porém a discussão risco e seus sentidos é bem mais ampla, e fazendo uma breve historicidade do conceito, pontuamos que este adquiriu uma relevância maior nos últimos 50 anos. Embora o significante seja um só, risco, ele vem mobilizando diversos sentidos, desde algo a ser evitado, gerido ou até mesmo encarado. O seu sentido vai depender da época, circunstância e disciplina a que o conceito é associado. Destacaremos dois desses sentidos: i) algo já conhecido e que pode ser evitado no futuro ii) como uma forma contemporânea de experimentar o medo. (VAZ, 2017).

Sabemos que o discurso da prevenção, do autocuidado e da responsabilidade de si sobre sua saúde é difundido pela mídia e pelas políticas públicas de saúde. Agora passaremos a ver como esses discursos hegemônicos do sujeito usuário de drogas se reflete ao falarem de si, em suma, em que medida esse discurso perpassa a fala dos usuários de drogas desses blogs e se a perpassa. Vejamos alguns trechos do nosso corpus de pesquisa:

E1: Fiz eles passarem noites e noites de sono, sem saber onde eu estava....fiz os homi entrarem lá em casa, altas horas das madrugada, atras de mim...acabei com minha familia....acabei literalmente.....coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua, em Recife/PE

A responsabilização por acontecimentos em virtude do uso de drogas são notadamente marcados pelos verbos na primeira pessoa como *fiz*, *acabei*, *coloquei*. A sequência das orações: *coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua*, interligadas por (... ..) mostra uma correlação entre a responsabilidade sobre o uso de droga dos irmãos, transpassado pelo discurso da culpa e do risco social, risco esse que faz com quem o autor acredite que o episódio passado é o motivo da vida atual que seus irmãos levam. O sentido de risco encontrado é o de um “contágio”, para remontarmos ao que discutimos sobre epidemia. Era um sofrimento evitável. Aqui, o sujeito se coloca como a materialização do risco.

E2: Vida cruel a que eu vivia! Mas fui eu quem escolhi trilhar por ela. Meus pais sempre tentaram me tirar.....mas eu sempre insistia em permanecer. Eles era de boa, tá ligado? Eles me deram tudo que eu queria...e precisava...até que eles tinham condições....ambos eram formados....viviam bem financeiramente, mas tinha esse grande

inferno dentro de casa....aliás, não tinham o inferno, não....tinham o diabo mesmo....era eu.

Em E2 o discurso de autocuidado fica ainda mais evidente ao afirma-se que *Vida cruel... mas eu quem escolhi* e a ameaça e a visão de si como risco são tecidos na narrativa de como a vida dos pais era boa, porém ameaçada por um *diabo*, que era ele, o usuário de drogas. O autor ocupa uma posição-sujeito de risco ao afirmar que era ele o perigo e o desordeiro do lar. Em nenhum momento o usuário responsabiliza a sociedade ou os pais por seu vício, mas se autorresponsabiliza por ser escolher usar drogas e ser um risco para seu entorno. A posição-sujeito é a de vítima de sua fraqueza e não de uma vítima das circunstâncias sociais.

E3: Todos os dias a noite pedia para minha mãe trancar o quarto para que eu não tentasse fugir, não conseguia dormir e fritava na cama (...) minha sobrinha que me adorava entrou no quarto para me dar um beijo e antes que ela o fizesse a expulsei do quarto ela olhou nos meus olhos e falou você está parecendo um bicho! E ela só tinha 4 anos. Esse foi um momento muito marcante em minha vida pois percebi que estava me afundando me senti um “merda”. Perguntei para mim mesmo o que eu estou fazendo da minha vida

Mais uma vez o sujeito se coloca como um perigo e frisa a família como lugar que oferece ajuda. O ato de pedir à mãe que o trancasse em seu quarto para que não *fugisse* é atravessado duplamente pelo discurso do risco. Primeiro aponta para um descontrole de si motivado pelo uso de drogas e uma visão de si como risco para si e para os outros, ao sair de casa. O condicional “*para que eu não fugisse*” aponta para um perigo. Fugir é indício de um risco, se foge de algo que ameaça. Esse significante é um indicativo muito forte do ato de sentir ameaça e se sentir ameaçado (pelas drogas), o que coloca o autor em uma posição sujeito de vítima e perigo para si e para o outro. Na sequência, o autor relata o episódio da sobrinha entrando no quarto e sendo expulsa por ele, o que a assustou e a fez o chamar de *bicho*. A fala da criança reitera o discurso do risco e da ameaça do usuário de droga nesse relato. Para tal faixa etária o substantivo *bicho* aponta para um medo, terror e para uma reação do autor: momento em que enxerga como está e o faz indagar o que está fazendo de sua vida. A isso (“bicho”) se soma a própria autodefinição enquanto “diabo” e “merda”, termos de grande força simbólica no que tange às ideias de perigo, maldade e desqualificação.

A hipótese de que os discursos religiosos, midiáticos e médicos de alguma forma atravessavam a fala dos usuários é percebida por essa breve análise. Dos blogs

analisados em pesquisa, dois deles trazem como título o jargão dos Narcóticos Anônimos: “Limpos só por hoje”, o que aponta para dois sintomas: i) ao se reconhecer como limpo por hoje, esse usuário mostra estar em consonância com o discurso hegemônico de que quem usa drogas é sujo e sujeira deve ser combatida, ii) diferentemente do discurso higienista da polícia e do Estado, o lugar de fala desses sujeitos nos blogs é o de “em recuperação”. É possível estar limpo e recuperado.

Essa passagem do sujeito passível de ser eliminado por bombas de efeito moral se rompe quando esse se dispõe a mudar, e mudar significa concordar com o senso comum do que é ser um usuário de drogas. Observa-se, aqui, um deslocamento semântico das noções de “bicho”, “merda” e “diabo” para uma “limpeza” que se opera não apenas no sentido de ausência de drogas, mas de sua própria imagem. Essa condição deixa de ser “vergonhosa” na medida em que se abraça a ideia de autocuidado, que aparece como valor na sociedade marcada pela lógica do risco.

E4. Não há nada vergonhoso em ser um adicto, desde que você comece a agir positivamente. Se você é um adicto, precisa primeiro admitir que tem problema com drogas antes de fazer qualquer progresso no sentido da recuperação.

Nesse trecho percebemos um deslocamento de sentido do antes “bicho” e sujeito do perigo para o sujeito que está em recuperação. Estar em recuperação, então, limparia a sujeira com que outrora o sujeito se identificava. A recuperação pode ser possível se o sujeito se submete a reconhecer-se como doente e sujo. Essa nova trama narrativa é convergente com a construção midiática na qual vigora uma narrativa linear do antes e depois da doença. a de pessoas felizes, mas diante de uma catástrofe, respectivamente, podemos também verificar nas reportagens e nos relatos de si dos blogs analisados sobre os usuários de droga que essa construção é parafrástica e análoga em diversos pontos: sempre alguém feliz, com oportunidades na vida, família feliz, esposa ideal e o uso de drogas que destrói todo esse “conto de fadas”.

Era inteligente e sonhador, queria ser Professor de Educação física pois adorava esportes. (...) Elas tiraram quase tudo de mim, meu carro, meus amigos e minha dignidade! (...) Sou respeitado novamente, sou uma pessoa que cumpri com os seus compromissos e meus pais tem muito orgulho de mim.¹⁴

¹⁴ Por motivos éticos não vamos revelar a identidade ou o blog no qual realizamos a coleta.

Diferentemente do que Vaz e Cardoso constatarem em sua investigação sobre a cobertura midiática da dengue, não é a pobreza que é um fator que viria a ser um risco maior para as pessoas contraírem dengue, mas no caso das drogas seria a escolha do usuário por usá-la e a própria droga que o levaria a pobreza, que vem a desembocar em questões que precisamos pontuar sobre risco e autocuidado. Se é a droga a precursora da decadência social, financeira e mesmo moral do sujeito, e se o uso de droga é de responsabilidade dessa pessoa, a “culpa” cai sobre o indivíduo que passa de vítima a culpado. Os estigmas, por sua vez, são frutos nesse discurso de que usuário de drogas é bandido, é zumbi, é ladrão, é perigoso e é um inimigo a ser combatido, como a história mostra na sua trajetória de higienismo dessas pessoas. Se voltarmos à teoria do Espelho de Lacan, sabemos que a estruturação do nosso Eu passa pelo simbólico e por como enxergamos o outro e como o outro nos enxerga. Na metáfora, a imagem do espelho refletida seria o outro.

O “pequeno outro”, com letra minúscula, refere-se ao outro semelhante, ao próximo que, no início do desenvolvimento da criança, serviria como identificação. Assim, é possível pensar que Lacan explora a metáfora do espelho, alegando que a imagem refletida corresponderia àquela do outro semelhante. (IMANISH, 2018, p.8).

Ora, se o outro vê e identifica o usuário problemático de droga como um sujeito inferior, a chance desse sujeito se ver como inferior e como risco para ele e para o seu entorno é altíssima. Isso é o que chamamos de autoestigma (RONZANI, 2015), que além de configurar uma angústia na vida do usuário, torna-se uma barreira para o cuidado a esse sujeito.

Considerações Finais

A identificação do usuário problemático com o discurso de adicto e de doente é pautada por toda uma memória discursiva do que é ser usuário de drogas, memória essa rememorada e atualizada diariamente nos jornais, que fazem uso de léxicos do campo da saúde, como “epidemia”. Verificamos indícios na fala dos sujeitos usuários de droga que estão em consonância com o discurso midiáticos e das políticas públicas sobre esses sujeitos como risco social, a saber algo a ser combatido.

Constatamos, também que a exposição pública de sua “recuperação” permite a

recomposição de sua posição diante de si e dos outros. Daí a importância de se falar em um blog. Só é um ator visibilizado socialmente aquele se recupera. Perguntamos: os que continuam drogados, “sujos” (Nessa perspectiva) falam em público? Percebemos que os blogs são uma ambiência midiática em que os indivíduos incorporam esse olhar e o reproduzem para fugir a esse estigma. Simbolicamente e discursivamente controem uma outra narrativa, a de superação. Assim, ficam no olhar dos outros limpos da “droga” e do “estigma”.

Referências

- ALENCAR, L.L.R.; GRASSANO, A.A. **Criminalizar E Punir: Sentidos de “Cocaína” Nas Campanhas De Saúde Dos Anos 90 E Na Folha De S.Paulo**. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/lista_area_DT6-CC.htm>
- ARAÚJO, T. **Guia sobre drogas para jornalistas**. 1ª ed. São Paulo: IBCCRIM-PBPD-Catalize-SSRC, 2017.
- ARAÚJO, I. S.; AGUIAR, R. O vírus Zika e a circulação dos sentidos: entre limites e ressonâncias, apontamentos para uma pauta de pesquisa. In: Paulo César Castro. (Org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. 1ed.Maceió: Edufal, 2017, v. 1, p. 141-162.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- BIRMAN, Joel. (1946) **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaofederal.pdf. Acessado em: 20 de set. 2020.
- CASTIEL, L. D.; GUILHAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S. **Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.
- CLEMENTE, A. P. Origem e desenvolvimento do blog como mídia digital e sua contribuição para a construção de uma cultura feminina na web. In: 7º **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho** (ALCAR), 2005, Ceará. Anais. Fortaleza, 2005.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2011.
- IMANISH, H. A. **A Metáfora na Teoria Lacaniana: O Estádio do Espelho**. Boletim de Psicologia, São Paulo, 2008, Vol. LVIII, Nº 129: 133-145. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a02.pdf>> . Acesso em 10 de set de 2018.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos** (8ª ed.) Campinas.
- PESQUINA NACIONAL SOBRE O USO DE CRACK. Org. Francisco Inácio Bastos, Neilane Bertoni. Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.
- PETRACCI, M. Comunicación y salud: un campo diverso y pujante. in: **Organicom**, 2012, v. 9, n. 16/17.
- RANGEL-S, M.L. ; LAMEGO, G. ; BROTAS, A. M. P. ; COSTA, M. C. R. ; BARBOSA, A. O. . Narrativas de Pesquisadores sobre a Midiatização das Políticas de Saúde no Brasil.. In: TEIXEIRA,C.F.. (Org.). Observatório de Análise Política em Saúde: abordagens, objetos e investigações.. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2016, v. , p. 461-494.

RONZANI, N. S . **Reduzindo o Estigma entre usuários de Droga.** Disponível em<
[http://www.editoraufjf.com.br/ftpeditora/site/reduzindo_o_estigma_entre_usuarios_de_drogas.p
df](http://www.editoraufjf.com.br/ftpeditora/site/reduzindo_o_estigma_entre_usuarios_de_drogas.pdf)>. Acesso: dia 21 mar. 2018.

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos
estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

VAZ, P.; CARDOSO. J.M. **Risco, sofrimento e Política: a epidemia de dengue no Jornal
Nacional em 2008.** In LERNER. K & SACRAMENTO. I (Org): Saúde e Jornalismo, Interfaces
Contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2014.

____. **O conceito de Risco.** In OLIVEIRA. C & MULLER.R.F. I (org): Subjetivações e Gestão
dos Riscos na Atualidade. Rio de Janeiro: Faperj, 2017.